

TUTORIA NA EAD: UMA REFLEXÃO SOBRE CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES A PARTIR DA ANDRAGOGIA

Rebeca do Nascimento Coelho ¹

RESUMO

Este trabalho reflete sobre a concepção de aprendizagem baseada na Andragogia, tomando como referência a atuação de tutores em cursos a distância de formação de professores. A educação a distância tem um longo percurso, tendo se transformado com o advento da internet. A sociedade da informação trouxe mudanças para a educação com o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's). A andragogia pode contribuir sobremaneira no desenvolvimento de autonomia e motivação para os estudantes da educação a distância. São princípios da andragogia: perspectiva de ensino voltada para adultos, entendê-los como participantes do processo de ensino e aprendizagem, sujeitos autônomos de conhecimento e motivados quando se relaciona os conteúdos a suas experiências. Tendo como tema principal a andragogia e a atuação da tutoria, foram escolhidos dois cursos de formação de professores do Instituto UFC Virtual: Curso de Aperfeiçoamento de Gênero e Diversidade na Escola e Curso de Aperfeiçoamento em Educação e Direitos Humanos. Foram entrevistadas três tutoras que aturam nesses dois cursos ou em ambos os cursos, sendo investigado o conhecimento sobre andragogia, como elas perceberam o desenvolvimento da autonomia no processo de aprendizagem pelos cursistas e se havia a elaboração de atividades práticas durante o curso. Como resultado dessa pesquisa exploratória, concluo que a relação entre andragogia e educação a distância nesses cursos analisados ainda estava em um processo a ser desenvolvido, mas encontram-se possibilidades do exercício de uma aprendizagem autônoma, pois durante o curso foram realizadas atividades que possibilitaram a relação entre a prática docente e os temas dos cursos formativos.

Palavras-chave: Andragogia, Educação a Distância, Formação de Professores, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca refletir sobre a atuação da tutoria em cursos de formação de professores na modalidade de ensino a distância ofertada pelo Instituto UFC Virtual, pensando as relações e as possibilidades a partir da perspectiva andragógica. Foram escolhidos para realização de entrevistas tutores de dois cursos “Aperfeiçoamento em Educação e Direitos Humanos” e “Gênero, Diversidade e Educação”, sendo entrevistados um total de três tutores que atuaram em ambos os cursos ou em apenas um. As entrevistas foram realizadas por e-mail.

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará, Mestra em Sociologia (UFPE), Especialista em Educação a Distância (UECE). É professora EBTT de Sociologia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), rebeca.coelho@ifma.edu.br

A internet modificou a forma como vinha sendo realizada a educação a distância, devido a sua democratização e o surgimento dos cursos online. Modificou também as relações entre professores e alunos que passaram a ser mediadas por um novo ator: o tutor. A autonomia dos discentes é central no realizar dessa nova modalidade, dependendo de aspectos que vão desde o conhecimento das novas ferramentas e do ambiente de aprendizagem até a determinação para ir além do conteúdo disponível, realizando outras pesquisas. Porém, também dependem da função do tutor, que é o responsável por mediar a relação professor-conteúdo, tecnologias e discente.

No entanto, por trás dessa autonomia, encontra-se um mediador, um orientador, alguém denominado “tutor”, um novo tipo de educador que sugere novos caminhos, fomenta pensamentos e faz, de forma gradativa, a interação entre os conteúdos, o professor e as práticas, induzindo o aluno a criar e/ou repensar conceitos que, sem dúvida, serão tão significativos quanto aos do ensino presencial. (SCHLOSSER, 2010)

A realidade da educação a distância tem se destacado em cursos voltados para adultos, seja em cursos de graduação, como em cursos de pós-graduação (capacitação, aperfeiçoamento e especialização). A flexibilidade de tempo e espaço oferecida por essa modalidade favorece quem tem uma rotina atribulada de afazeres, permitindo o acesso ao curso nos momentos e lugares possíveis a cada um.

Dessa forma, destaca-se o conceito de Andragogia, que tem origem grega. *Andros* significa adulto e *gogos* educar. Esse termo começou a ser difundido a partir da década de 1970, por Malcom Knowles. Henschke (2009) afirma que Alexander Kapp, educador alemão, cunhou o termo Andragogia em 1833, num estudo sobre educação em Platão em que era tratado o tema da educação para adultos. A perspectiva andragógica pode ser uma aliada no contexto da EaD, pois um número cada vez maior de pessoas tem buscado essa modalidade para diferentes objetivos.

METODOLOGIA

A pesquisa baseou-se em alguns aspectos principais: o contexto da educação a distância na época com o uso da internet e de ambientes virtuais de aprendizagem para ofertas de cursos online; a perspectiva andragógica, que considera no processo de aprendizagem as experiências e vivências do aprendente adulto; e por último, a atuação

da tutoria como mediação entre tecnologias, conteúdos, professor-conteudista e o aprendiz.

Sob esses aspectos se buscou refletir sobre como o tutor poderia fazer uso da perspectiva andragógica no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, escolhi dois cursos ofertados pelo Instituto UFC Virtual, quais sejam: Educação e Direitos Humanos (EDH) e Gênero e Diversidade na Escola (GDE), voltados para educadores de escolas públicas. Esses cursos foram analisados nos anos de 2014 e 2015. Investiguei se os tutores conheciam o conceito de andragogia e se conseguiam colocar em prática princípios andragógicos.

Foram realizadas três entrevistas por e-mail com ex-tutores, que atuaram em ambos os cursos ou em apenas um. Foi seguido o seguinte roteiro de entrevista:

1. O que você entende por Andragogia? Esse conceito foi trabalhado na capacitação dos tutores?
2. Como você percebe o interesse/motivação dos professores no curso de formação em que você atuou como tutor?
3. Como você percebe o desenvolvimento da autonomia no processo de aprendizagem dos professores durante o curso?
4. De que forma você considera que o curso ministrado contribuiu para o desenvolvimento da autonomia no processo de aprendizagem dos professores?
5. Durante o curso que você atuou os professores fizeram uso de atividades práticas?
6. As atividades e os conteúdos do curso tinham relação com as experiências dos professores?

Buscou-se assim, conhecer se os tutores conheciam o conceito de andragogia e se o mesmo foi trabalhado nos cursos de formação anteriores à atuação dos tutores. As perguntas relacionadas à atuação da tutoria levaram em consideração a motivação, o desenvolvimento da autonomia e a utilização de atividades que levassem em conta as experiências dos professores. Assim, poderia relacionar a atuação dos tutores aos princípios da andragogia.

Ressalto aqui que o artigo em questão não teve em nenhum momento o objetivo de avaliar os cursos em questão, nem a atuação da tutoria, mas pensar a relação entre andragogia e tutoria em cursos voltados para um público adulto.

A metodologia utilizada é, portanto, de cunho qualitativo, baseada numa revisão de literatura sobre o tema aqui exposto e em entrevistas semiestruturadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Andragogia: pensando possibilidades no ensino para adultos

Nogueira (2004) traça um histórico dos conceitos de pedagogia e andragogia. A pedagogia entre os séculos VII e XII ligada à ordens monásticas e catedrais europeias. O ensino era voltado para rapazes e realizado por mestres religiosos, visava o ensino religioso e, por isso, centrava-se na aquisição dos conteúdos. Ao longo do tempo, passaram a ingressar crianças e adolescentes na educação formal e a pedagogia foi-se transformando.

A autora ressalta que após a I Guerra Mundial intensificou-se o número de adultos na educação, o que começou a gerar mudanças por parte dos educadores e iniciou-se uma preocupação com uma perspectiva educacional voltada para esse público por parte, principalmente, de educadores norte-americanos e europeus. Assim, tem-se início uma sistematização do que seria a andragogia.

Um dos autores clássicos sobre o tema é Malcom Knowles, que começou a escrever sobre Andragogia em 1968, com o texto *Adult Leadership*. De início Knowles contrapunha pedagogia e andragogia, porém, posteriormente, ele passou a entender as duas perspectivas de forma complementar. Ainda que Knowles tenha contribuído para uma maior sistematização sobre o conceito de andragogia, o termo tem uma origem longínqua, tendo sido usado desde o século XIX por Alexander Kapp, no livro “*Ideias da Educação de Platão*” (tradução livre), em que Kapp considera importante aspectos como a *experiência de vida e autorreflexão* no ensino voltado para adultos. O autor é considerado pioneiro no tratamento desse tema na história da educação².

Ainda segundo Henschke (2009), o termo ficou esquecido por algum tempo até que na década de 1920 voltou a ser utilizado por outro alemão, Rosenstock-Huessy. Este considerava que era somente por meio da andragogia que o povo alemão e a

² Henschke (2009) considera que Alexandre Kapp foi o primeiro a utilizar o termo andragogia.

Alemanha poderia reerguer-se após a I Guerra Mundial. Eduard Lindeman considerou que haveria um método diferente de ensino para adultos em relação às crianças. Ele foi o primeiro a levar essa concepção para os Estados Unidos.

Após um período em desuso, a andragogia voltou a ser discutida na Grã-Bretanha, por Simpson. Ele propôs quatro vertentes principais para a andragogia: o estudo da educação de adultos, o estudo dos adultos, a psicologia educacional de adultos, e os métodos andragógicos gerais para o ensino de adultos. A educação para adultos seria responsável por seguir essas vertentes. Para Malcom Knowles, existiriam, inicialmente, algumas distinções entre pedagogia e andragogia, que surgem na atuação do professor em cada um dos modelos. No modelo pensado por Knowles, o aprendente participa muito mais do processo de ensino e aprendizagem que no modelo pedagógico. Como os aprendentes são adultos reconhece-se que eles podem optar sobre sua aprendizagem, refletindo e decidindo sobre seus objetivos, suas necessidades e suas avaliações. As experiências adquiridas ao longo da vida pelos adultos também devem ser reconhecidas, por isso usam técnicas ativas e experienciais.

Nogueira (2004) ressalta cinco princípios elaborados por Knowles em suas obras que caracterizam os adultos em relação às crianças, quais sejam:

Os adultos necessitam saber o motivo pelo qual devem realizar certas aprendizagens; aprendem melhor experimentalmente; concebem a aprendizagem como resolução de problemas; aprendem melhor quando o tópico possui valor imediato e os motivadores mais potentes da aprendizagem são internos.

Esses são alguns dos princípios norteadores dos quais educadores que pretendam utilizar uma perspectiva andragógica podem seguir. Percebe-se que é necessário, portanto, que a aprendizagem faça sentido para os aprendentes, fazendo uso de suas experiências, resolução de problemas etc. A andragogia pode contribuir para a educação a distância, pois além do público adulto é importante a construção da autonomia dos discentes que se encontram separados geograficamente dos professores e tutores. Sobol (2010) ressalta a expansão da educação a distância e suas possibilidades de oportunidades de profissionalização e, sobretudo, de constituição de conhecimento.

O Papel da tutoria em EAD

A relação professor-aluno mudou com o surgimento e difusão dos cursos online dos mais diversos tipos. A relação face a face entre professores e alunos e a convivência no mesmo espaço é transformada, com isso o aluno ganha uma autonomia de tempo de estudo diferenciada da modalidade presencial, fazendo parte de um outro contexto de educação, mediada pelas ferramentas tecnológicas e pelo tutor.

Schlosser (2010) discorre sobre a EaD realizando uma breve contextualização sobre a sua difusão no Brasil. Essa modalidade proporciona vantagens em relação aos deslocamentos e distância geográficas, possibilidades de capacitação e, sobretudo, reflete sobre a atuação dos tutores em sua nova acepção dentro da EaD.

Assim, a autora busca pensar de forma contextualizada as novas funções da tutoria em EaD, destacando que a função de tutor existe no âmbito das universidades desde o século XV, quando detinha o papel de orientador religioso. No século XX, ganha o aspecto de orientador acadêmico e dessa forma mais próximo a realidade atual.

Assim, o papel do professor desloca-se do contexto habitual da sala de aula e passa a interagir com seus alunos por meio de outras formas e materiais tecnológicos, mediando a construção do conhecimento do aluno. Em parceria com o trabalho do professor em EAD, encontramos a participação de um indivíduo que facilitará o percurso do aluno nessa metodologia, o tutor. (SCHLOSSER, 2010, p. 1).

A autora traz as diversas atribuições do tutor e conclui que não difere da do professor presencial no papel de orientar, guiar, incentivar, apoiar, mas, diferencia-se o contexto e, por isso, algumas demandas pedagógicas, da relação que fazia na dupla professor-aluno para ser tríplice professor-tutor-aluno.

Portanto, a interface Educação a Distância e andragogia pode ser explorada nos cursos ofertados, trabalhando além da autonomia, as experiências de vida e considerando o discente como parte da construção do percurso formativo, contribuindo com os conteúdos e as avaliações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de analisar os resultados das entrevistas, apresentarei brevemente o histórico e os conteúdos dos cursos analisados.

O curso de Aperfeiçoamento de Gênero e Diversidade na Escola (GDE) surgiu como projeto piloto em 2006, fruto da parceria entre a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), o Ministério da Educação, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), o British Council e o Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/UERJ), sendo ofertado em anos seguintes pela Rede de Educação para a Diversidade, mantendo as parcerias citadas. O objetivo do curso foi capacitar os professores da rede pública de ensino a trabalhar com a questão da diversidade de gênero, raça e orientações sexuais em sala de sala, assumindo uma postura crítica em relação aos posicionamentos preconceituosos relacionados ao tema. O curso teve duração média de 200 horas, com 60 horas presenciais e 140 a distância, distribuídas em 40 horas aula/mês, ocorrendo durante 5 meses.

O curso de Aperfeiçoamento em Direitos Humanos teve por objetivo realizar capacitação inicial e continuada em Direitos Humanos, na modalidade de ensino a distância, tendo como público-alvo os professores da rede pública de ensino e outros profissionais de áreas afins. Entre os objetivos específicos estão além da formação desses profissionais, a produção e publicação de materiais didáticos sobre direitos humanos para professores e estudantes; apoiar a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no tema dos direitos humanos, inserção do tema no conteúdo curricular, incentivar ações de ensino, pesquisa e extensão.

A seguir, apresento o resultado das entrevistas realizadas com as tutoras dos cursos. Optou-se por não divulgar os nomes das entrevistadas, nomeando-as por números: 1, 2 e 3. A tutora 1 atuou no curso Aperfeiçoamento de Gênero e Diversidade na Escola entre os anos de 2013 e 2014. A tutora 2 atuou nos dois cursos entre 2013 a 2014. A tutora 3 atuou no curso Aperfeiçoamento de Gênero e Diversidade na Escola no ano de 2014.

O quadro abaixo apresenta o posicionamento das tutoras entrevistadas acerca da andragogia, motivação e autonomia dos cursistas e abordagem de experiências práticas nos cursos em questão relacionadas às realidades dos professores cursistas.

Quadro 3. Resultados

	TUTORA 1	TUTORA 2	TUTORA 3
Andragogia	A tutora considera que tem uma ideia vaga sobre o conceito de andragogia, relacionando-o à aprendizagem significativa.	Desconhece o termo. Relata que o mesmo não foi trabalhado nas formações de tutores.	Desconhece o termo. Relata que o mesmo não foi trabalhado nas formações de tutores.
Interesse e motivação	Relata que em relação aos cursistas houve evasão e dificuldades em conciliar o curso com o trabalho, devido a sobrecarga desses profissionais, além perceber por parte dos cursistas dificuldades em usar o ambiente virtual.	xx ³	Percebe que quando é o professor que busca o curso, há mais interesse, mas quando é a escola que realiza a matrícula nesses cursos de formação há maior desmotivação.
Autonomia	Considera que a diversidade que as turmas apresentavam envolve diferentes graus de autonomia que perpassam questões como o acesso à internet, deslocamento para os pólos. A tutora relata que percebeu por parte dos que conseguiram finalizar o curso que havia comprometimento e o desenvolvimento de autonomia em relação a aprendizagem.	Considera que a autonomia deve ser buscada pelo aluno e auxiliada pelo tutor.	Considera a autonomia relacionada a quatro aspectos: Interesse pela temática, organização, disponibilidade de tempo e facilidade de acesso (e manipulação) aos meios digitais necessários.
Experiências práticas	Considera que o curso buscava a realização da relação entre a prática e a atuação dos professores com a elaboração do projeto de intervenção ao final do curso, mas a execução desses projetos não foi acompanhada pelos tutores.	A prática era desenvolvida com a execução de projetos de intervenção a ser desenvolvido posteriormente ao curso. Relata que as atividades do curso era voltada ao ambiente escolar.	Relata que foram elaborados projeto, oficina e atividades relacionadas ao ambiente escolar e às realidades vividas pelos professores.

Fonte: elaborada pela autora (2015)

³ A tutora em questão respondeu à questão do interesse e motivação relacionada ao curso de formação ofertado aos tutores que não está sendo analisado neste momento.

Voltamos neste ponto do artigo à minha pergunta de partida: nesses dois cursos de formação voltados para um público adulto fez-se uso de princípios da andragogia? Essa indagação orientadora buscou entender qual o conhecimento que se tem dessa perspectiva educacional no contexto da educação a distância, que tem atraído esse público e que muito poderia contribuir, pois como vimos anteriormente, pauta-se no reconhecimento do adulto como sujeito de conhecimento autônomo e motivado, quando é do seu interesse. A andragogia, segundo Gomes (2009), pode ainda contribuir para reflexão crítica dos aprendentes.

Nesse entendimento permite que o professor na sua formação de educador de adultos, analise o processo do modelo de andragogia, de modo a desenvolvê-lo como ferramenta que conceba a criticidade dos conteúdos, gerando criticamente, revolução científica e tecnológica, de forma que possa fazer parte do cotidiano. (GOMES, 2009)

Esse posicionamento crítico é fundamental nos cursos analisados, pois se voltam para temas bastante discutidos atualmente como gênero, sexualidade, raça e direitos humanos. São conceitos que tem gerado polêmica e dos quais se têm muitas pré-noções, que podem prejudicar o entendimento acerca dessas temáticas, principalmente quando vinculados às realidades escolares que são diversas e múltiplas.

Com base nas entrevistas e no conteúdo do curso poderia concluir previamente que *sim* e que *não* houve a interlocução com a andragogia nestes dois cursos, em virtude de algumas razões, há saber: diria que não houve porque nas formações iniciais dos tutores, os mesmos não foram capacitados quanto a essa abordagem. Mas, por outro lado, as tutoras entrevistadas relataram que, em ambos os cursos, foram realizadas atividades e elaborado um projeto de intervenção a partir das realidades das escolas presentes nos cursos. Ainda que a execução desse projeto não tenha sido acompanhado pelas tutoras. Outra questão relacionada a essa primeira era pensar a relação da tutoria nesses dois cursos. Entendo o papel do tutor como mediador do conhecimento entre as tecnologias, os conteúdos e os cursistas. Gomes (2009), ao analisar materiais didáticos e a relação entre pedagogia e andragogia, pensa também a atuação do tutor nessa realidade do ambiente virtual de aprendizagem.

As tutoras entrevistadas relataram ainda o papel de atuar como incentivadoras para os cursistas, entendendo a mediação realizada como fator de motivação, mas ressaltando também a responsabilidade dos cursistas na constituição da autonomia,

relatando elementos principais dessa autonomia como interesse, organização, disponibilidade de tempo e conhecimento das tecnologias.

Vale ressaltar a importância desses cursos de formação para professores que têm assim oportunidades de capacitação, tanto nos usos de tecnologias quanto de temáticas que fazem parte do cotidiano desses profissionais. Acredito que esses cursos em questão tornaram os professores mais sensíveis a temas que são difíceis de tratar. Capacitar professores é transformar as escolas, atualizá-las em relação às tecnologias, é levar conhecimento sobre educação a distância, pois coloca os professores em contato com essa realidade e, sobretudo, possibilitam a realização de projetos que intervêm nas realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação a distância está em processo de constante atualização em um mundo hiper globalizado em que os avanços tecnológicos acontecem em alta velocidade, impactando a educação de diversas formas.

Nesse contexto, temos um aspecto particular que é o interesse dos adultos por essa modalidade de ensino, pois com a flexibilidade de tempo e espaços possibilitados pela educação a distância os aprendentes adultos visualizam oportunidades de capacitação em cursos de extensão, graduação e pós-graduação.

O tutor, nessa modalidade de ensino, é o responsável pela mediação do conhecimento, podendo ser um motivador e guia no processo de desenvolvimento da autonomia dos aprendentes, na medida em que os incentiva e colabora com a aprendizagem. Caso o tutor não entenda sua função de mediador no processo de aprendizagem ele pode dificultar o caminhar do aprendente, desmotivando-o.

Acredito que ainda há um longo caminho a ser percorrido no tema andragogia e educação a distância, especialmente após a pandemia em que nos vimos forçados a transformar toda a educação presencial em ensino remoto. A realidade aqui analisada não pode ser generalizada, pois foram abordados somente dois cursos e os resultados aqui apresentados podem ser aprofundados posteriormente, sendo ainda preliminares, necessitando de pesquisas subsequentes.

REFERÊNCIAS

GOMES, M. de F.C. **Programa Brasil Alfabetizado: possibilidades e limites na prática de formação docente do alfabetizador de adultos.** 172f. Dissertação (Mestrado) Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas, Universidade Estadual do Ceará, 2009.

HENSCHKE, J. A. "Beginnings of the History and Philosophy of Andragogy 1833-2000." In **Integrating Adult Learning and Technology for Effective Education: Strategic Approaches.** Wang, V., [Ed]. IGI Global, Hershey, PA, 2009.

NOGUEIRA, S. M. A andragogia: que contributos para a prática educativa? **Revista Linhas**, v.5, n.2, 2004.

SCHLOSSER, Rejane L. A atuação de tutores no cursos de Educação a Distância. **Revista Digital**, v. 6, n. 22, 2010.

SOBOLL, R.S. Metodologia Andagógica e Docência Transdisciplinar na Educação a Distância. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010184616.pdf> , acesso em 22/11/2015.